

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO CONTO *UM LADRÃO*, DE GRACILIANO RAMOS

Odilon Rosa Corrêa¹
Carla Carolina Moura Barreto²
Rosângela Costa de Abreu³

RESUMO

O caráter social da literatura assume um importante papel na construção da capacidade reflexiva do leitor e visa despertar uma visão crítica da realidade na qual ele, leitor, está inserido. O presente artigo tem como propósito levantar alguns aspectos críticos da escrita de Graciliano Ramos, especificamente em seu conto *Um ladrão*, da obra *Insônia* (1947), a fim de destacar a importância da literatura enquanto ferramenta para a crítica social - uma vez que a literatura não se limita a ser um mero instrumento de entretenimento, mas pode, por vezes, proporcionar um retrato esteticamente elaborado da realidade - bem como expor a reflexiva literatura engajada de Ramos, a partir da análise do referido conto, na qual ele nos mostra como um indivíduo de classe baixa pode vir a sofrer rejeição por parte da sociedade.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, Crítica Social, Influências Sociais, Literatura Engajada.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo expor a crítica social representada no conto *Um ladrão*, de Graciliano Ramos, pertencente à obra *Insônia*, publicada em 1947. Nesse sentido, este artigo traçará uma discussão acerca da importância da literatura engajada desse autor e procurará apontar como se realiza, esteticamente, a denúncia das desigualdades sociais, inserida subliminarmente no conto, tendo como embasamento crítico Moisés (2008), Carvalho (2005), Foucault (1982), Gomide (2000), entre outros.

¹ Doutor em Letras (área de concentração em Estudos de Literatura, subárea de Literatura Comparada). Professor de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

E-mail: odilonrcorrea@hotmail.com

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR)

E-mail: carla.carolin18@gmail.com

³ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR)

E-mail: rosangela_letras@outlook.com

As obras de Graciliano Ramos tratam de problemas sociais e são marcadas por uma grande análise psicossocial. Seu conto *Um ladrão* está inserido no livro *Insônia*, publicado em 1947, no qual estão reunidos mais doze contos, os quais refletem, de forma significativa, os conflitos e angústias de Ramos diante do mundo à sua volta. Tanto em seus contos, como em outras obras, o autor almejava levar ao leitor alguma reflexão a respeito de sua realidade, visto que Ramos foi um autor cujos ideais literários estavam voltados para a prática de críticas sociais. Suas narrativas têm o propósito de aguçar o senso crítico do leitor, provocar-lhe significativas reflexões, no que diz respeito aos aspectos sociais e políticos da época.

Graciliano Ramos: um escritor regionalista e socialista

Inicialmente, para compreendermos a escrita de Graciliano Ramos, faz-se necessário considerar alguns aspectos julgados importantes, como o contexto no qual ele estava inserido durante sua trajetória como escritor, bem como seu posicionamento social. Este grande memorialista e ficcionista do século XX fez parte do segundo período do Modernismo, também denominado regionalismo de 30, correspondendo a um período no qual as obras eram compostas por uma visão crítica das relações sociais, voltadas para os problemas enfrentados pelo homem.

Algumas obras de Ramos retratam problemas que se situam na região Nordeste do Brasil. Suas narrativas buscam refletir a realidade social e econômica dos habitantes dessa região e, além de retratar aspectos sociais, Ramos também aborda aspectos psicológicos. Ramos era adepto de um posicionamento socialista. O autor almejava uma sociedade igualitária, na qual os indivíduos possuíssem as mesmas oportunidades e direitos, independente da classe social a que pertencessem. Entretanto, é importante ressaltar que Ramos viveu no período em que, no Brasil, predominava a ditadura de Getúlio Vargas, um regime opressor, que controlava e censurava manifestações contrárias ao seu governo. Devido a seu posicionamento ideológico, Ramos foi preso em 1936, sob a acusação de participar de um movimento de esquerda. O autor permaneceu preso por onze meses e as experiências dolorosas vividas na prisão foram relatadas no livro *Memórias do Cárcere*, obra póstuma, publicada em 1953.

A gênese do conto

Ao ser preso, como dito anteriormente, Ramos conviveu com vários ladrões e, entre eles, um, em especial, nomeado Gaúcho, que lhe relatou minuciosamente seus roubos através de algumas conversas, as quais se fazem presentes em seu livro *Memórias do Cárcere*. A partir destes relatos, Ramos obteve inspiração para a criação do conto *Um ladrão*.

O autor transformou o ladrão dos discursos de Gaúcho em um personagem muito mais interessante, utilizando uma linguagem esteticamente impressionante e críticas subliminares bem elaboradas. De acordo com Carvalho (2005, p.56), “literatura não é apenas episódio, o conto ‘Um ladrão’ nos propicia uma experiência estética e humana que o relato de Gaúcho (ou qualquer outro relato de pura experiência) não poderia oferecer”. Portanto, Ramos, com grande maestria, transformou um simples relato em uma comovente narrativa, composta por um incrível recurso estilístico, capaz de transmitir sentimentos, sensações, e até certa piedade em relação ao “fora da lei”, incluindo, ainda, uma crítica social no que diz respeito às desigualdades sociais, à opressão do governo vigente e à inserção do jovem na marginalidade.

Vejamos, agora, alguns relatos de Gaúcho presentes na obra *Memórias do Cárcere*, para que possamos compará-los ao conto de Graciliano:

[...] Eu tive um aprendiz, assim não dava. Foi um pivete muito ordinário, e quando cresceu, passou a ser descuidista, não passou a ventanista. E queria ser escrunchante. Eu dizia: “- Rapaz, deixe de novidade. Tu não tens nervo para lunfa.” Mas, o desgraçado teimava em me acompanhar: “- Me leve, Gaúcho”. Eu cedia. Botava a caneta na fechadura e o garoto começava a tremer. (RAMOS, 1979, p. 90)

A partir deste trecho, podemos identificar as semelhanças entre as descrições do presidiário e o conto *Um ladrão*, visto que, no conto, Gaúcho se torna um personagem que possuiu um aprendiz de ladrão significativamente inseguro, assim como foi descrito na obra memorialista de Graciliano.

Mas, ao contrário da visão que Gaúcho fazia do aprendiz de ladrão, um alguém que simplesmente não servia para a vida do crime por ser excessivamente desajeitado, o autor buscou ressaltar, em seu conto, as características humanas do ladrão: seus anseios, medos e preocupações. Ramos, apesar de parecer um homem duro, mostra-se misericordioso com seus personagens (CARPEUX, 1975, p. 222). O autor recriou o

personagem não apenas focando em sua personalidade delinquente, mas buscou tratar os aspectos sociais que, de certa forma, o influenciaram a tornar-se aquilo que a sociedade tanto rejeita: um ladrão.

Vejamos, agora, outra passagem interessante que consiste em um relato de Gaúcho (o presidiário) a respeito de um roubo que praticara com seu aprendiz, no interior de uma casa:

[...] No derradeiro quarto vimos uma lindeza com os peitos de fora. Aí o sujeito perdeu a ação, ficou besta de olhos arregalados, como se estivesse diante de uma imagem ao altar. Puxei a manga dele, chamei e tornei a chamar: - “Vamos embora”. Nem ouvia. De repente subiu na cama e deu um beijo na boca da moça. (RAMOS, 1979, p. 91)

Neste trecho, há outro indício de que o conto foi criado a partir das conversas que Graciliano mantinha com o presidiário Gaúcho, posto que o desfecho do conto ocorre em uma delegacia, justamente pelo fato de o ladrão haver beijado uma moça, moradora da casa em que ele estava praticando um furto (ou, pelo menos, tentando). Portanto, conclui-se que muitos fatos contados pelo presidiário a Graciliano foram inseridos no conto, não de forma idêntica, mas serviram-lhe de inspiração para a criação de sua narrativa crítica.

Influências sociais

Conforme Gomide (2000, p. 02), é possível notar o peso que a exclusão social acarreta na vida de muitos jovens desfavorecidos que, a partir da privação de alimentos ou espaço, são incitados à agressividade. Muitos jovens são impulsionados pela sociedade ao mundo da delinquência, por não preencherem os padrões que esta estabelece sobre pessoas e condutas ideais, mas a mesma sociedade que impõe estes padrões não proporciona, de forma igualitária, o acesso a eles. É o que perceberemos adiante na análise do conto.

O rompimento precoce dos laços parentais também pode vir a influenciar, de forma negativa, a formação do caráter dos jovens, uma vez que estes se encontram sozinhos, desprovidos de afeto e proteção adequada. Os jovens acabam, como o protagonista do conto, tornando-se moradores de rua, condição na qual, muitas vezes, terminam por sofrer influência de “tipos” como Gaúcho.

É importante ressaltar que não estamos, aqui, justificando o comportamento desses jovens, tampouco investigando os fatores que os levam a percorrer o caminho da marginalidade. Estamos apenas procurando trazer elementos que auxiliem e possibilitem uma melhor compreensão dessa narrativa, visando sua análise. Os fatores sociais podem servir como incitação à marginalidade, mas esses, por si só, não se constituem como únicos responsáveis, como nos explica Foucault (1982):

Ele rouba porque é pobre, mas você sabe muito bem que nem todos os pobres roubam. Assim, para que ele roube é preciso que haja nele algo que não ande muito bem. Esse algo é seu caráter, seu psiquismo, sua educação, seu inconsciente, seu desejo. (p.135):

Podemos perceber que, para que um jovem se instale na marginalidade, faz-se necessária a contribuição de vários fatores, mas notemos que Foucault aponta a educação como um desses fatores. Será que o acesso à educação ocorre da mesma maneira para as distintas classes sociais? Não seria isto ocasionado pela desigualdade social?

Literatura engajada e sua importância

Longe de ser um mero instrumento de entretenimento, a literatura nos proporciona, por vezes, um retrato da realidade de modo mais sutil e estilístico. É comum encontrarmos em jornais críticas sociais que abordam temas de forma explícita, mas que nem sempre surtem os efeitos propostos. Diferentemente dos textos jornalísticos, a literatura não se limita a noticiar os aspectos sociais decorrentes de nossa sociedade. Ela incentiva um olhar sobre o mundo através da criatividade do escritor/contista, que tem por objetivo expor os aspectos sociais de maneira mais eficaz, a fim de despertar no leitor a capacidade crítica.

Muitos escritores brasileiros ousaram denunciar, em suas obras, a realidade em que se encontrava o país, abarcando a crueldade dos homens, as desigualdades sociais, os preconceitos, entre outras barbaridades existentes. Ao retratarem essa realidade, procurando trazer à tona reflexões sobre temas sociais, servindo a uma causa político-ideológica, estes autores estão produzindo uma literatura engajada.

Segundo Denis (2002, p.25), a literatura engajada não é a que abdica da atividade sobre o trabalho da forma, “sem a qual ele (o autor) faria literatura de propaganda; é antes uma questão de [...] modificar-lhe o sentido, deixando de fazer disso um fim em si para tentar fazê-la servir (às causas sociais)”. Assim, podemos afirmar que o engajamento literário implica em uma reflexão do escritor sobre as relações entre literatura, política e sociedade. Os escritores além de “entreterem” o leitor com uma narrativa, passam a utilizar a sensibilidade estética como instrumento para fazer com que o leitor reflita sobre questões sociais.

Dessa maneira, a literatura engajada desenvolve um papel extremamente importante na formação crítica dos indivíduos, uma vez que o engajamento se firma na exposição da realidade por meio da literatura, despertando a consciência crítica do leitor, tornando-o um cidadão atento às questões sociais. Por meio da leitura de obras produzidas por autores “engajados” podemos atentar para fatos do cotidiano social que, às vezes, nos passam despercebidos. A literatura nos proporciona a oportunidade de abordar fatores que remetem às experiências cotidianas e nos faz refletir a cerca de nossa cultura e sociedade, contribuindo, assim, no processo de formação social do indivíduo/cidadão.

Um ladrão: identificando aspectos críticos

O conto *Um ladrão*, constitui-se de uma narrativa cuja escrita se deu dentro do período político-social brasileiro da ditadura de Getúlio Vargas. A narrativa se passa no espaço urbano e apresenta traços de universalização, presente já no título: Um ladrão. O fato da inserção de um artigo indefinido no título do conto, juntamente com a ausência de nome do ladrão, nos mostra que o protagonista representa qualquer ladrão. Sendo assim, Ramos pretendia abranger todo e qualquer indivíduo que, por algum motivo, acaba sendo inserido na marginalidade. O autor parte do particular para o geral, ou seja, daquilo que acontecia na vida de um, mas que retratava a realidade de muitos.

O conto apresenta a trajetória de um personagem marcado por conflitos psicológicos e sociais. O autor registra as falas do personagem através do discurso indireto livre, ou seja, em boa parte da obra a voz narrativa se mescla à perspectiva do personagem, a ponto de sugerir que o próprio ladrão tem sobre seus ombros uma câmera que tudo flagra, ou seja, na medida em que a ação ocorre, vai sendo narrada. A

narrativa ocorre em terceira pessoa, porém, em alguns momentos o personagem principal toma a palavra do narrador:

[...] Desceu a rua, entrou no café da esquina, espiou as horas e teve desejo de tomar uma bebida. Não tinha dinheiro. Doidice beber álcool em semelhante situação. Procurou um níquel no bolso, estremeceu. As mãos estavam frias e molhadas. – Tem de ser. (RAMOS, 1979, p. 38)

Nesta passagem do conto, podemos observar a mescla de vozes contida na narrativa, posto que ora a palavra está sob posse do narrador onisciente, ora se encontra sob o domínio do personagem principal. Podemos perceber tal relação nos seguintes trechos: “Doidice beber álcool em semelhante situação” (RAMOS, 1973, p.38) e “Tem de ser” (RAMOS, 1973, p.38). No primeiro fragmento da obra, percebemos a interferência do narrador, opinando a respeito do desejo do personagem, já no segundo, podemos perceber a mudança no tom expresso pela frase, o que indica a tomada de decisão do personagem frente à situação.

Outro ponto relevante evidente na narrativa de Ramos é a chamada interiorização do personagem, a qual consiste no fato de a narrativa deslocar o personagem da realidade das cenas para focar em seus pensamentos, posto que, no conto, o ladrão passa grande parte do tempo preso aos seus pensamentos e suas memórias, o que permite ao leitor ter acesso a sua vida interior, tornando-se mais íntimo dele.

Utilizando estes recursos, Ramos, como bom escritor engajado, constrói uma narrativa repleta de críticas sociais que um leitor atento é capaz de identificar. Para compreendê-las, iniciamos falando do momento em que surge, na memória do protagonista do conto, três personagens que fizeram parte de sua infância:

[...] Durante minutos lembrou-se da escola do subúrbio e viu-se menino, triste, enfezado. A professora interrogava-o pouco, indiferente. O vizinho mal-encarado, que o espetava com pontas de alfinetes, mais tarde virara soldado. A menina era linda, falava apertando as pálpebras, escondendo os olhos verdes. (RAMOS, 1973, p.40)

Neste parágrafo, podemos perceber alguns dados relevantes que fazem parte dos motivos pelo qual o ladrão foi levado à marginalidade. Os três personagens de sua

infância de certa forma o “desprezaram”. A professora não lhe dava a devida importância, o vizinho lhe maltratava e a menina dos olhos verdes certamente sentia-se superior a ele, passando também a rejeitá-lo como pretendente.

Como dito a priori, o conto foi escrito no período em que, no Brasil, predominava a ditadura de Getúlio Vargas. Essa forma de governo autoritário e sua ideologia, a nosso ver, influenciou Ramos a dirigir-lhe algumas críticas. Os três personagens que fizeram parte do mundo infantil do protagonista do conto são utilizados pelo autor como metonímia, isto é, Ramos emprega a parte para representar o todo.

Vale ressaltar que o jovem não tinha casa, vivia na rua, não tinha família e durante sua infância sofreu com a indiferença por parte da professora, que representava o sistema educacional, uma vez que, neste período, as oportunidades educativas eram voltadas, sobretudo, às pessoas que pertenciam a classes sociais mais abastadas. Sofreu com as agressões do vizinho que, posteriormente, virou soldado e passa a representar metonimicamente, na narrativa, a segurança pública e seu método de repressão, através da força, o que nos remete à opressão exercida por aquele governo vigente, que levava Ramos à prisão simplesmente por não concordar com seus ideais.

Diante da indiferença da professora, o ladrão formou uma ideia negativa sobre o funcionamento do sistema educacional, que rejeitava os desfavorecidos socialmente, ou seja, os marginalizados. Esses, por consequência, possuíam dificuldades de aprendizagem, atraindo o desinteresse da professora.

Além do vizinho e da professora, o ladrão recorda-se de uma menina de olhos verdes, por quem ele nutria carinho e afeto em sua breve vida escolar. Essa menina, pelo fato de sentir-se superior, passa a rejeitar as pessoas de classe inferior. No conto, a menina representava a sociedade de modo geral, que exclui socialmente as pessoas que não se encaixam nos padrões impostos por ela.

Isto nos remete à necessidade que o ladrão sentia de ser amado. Por não ter família e ninguém que o amparasse, o ladrão associou a visão do amor àquela menina de olhos verdes. E, ao ver uma moça que dormia em um dos quartos da casa invadida, a lembrança dessa menina veio à tona e despertou nele o desejo de beijar a moça. Assim, não nos parece forçado dizer que o desamparo e o afeto negado na infância regeram a vida do protagonista do conto, assim como seus anseios. Em torno desta questão Moisés

(2008, p. 133-134) afirma: “(...) A mola psicológica que o arrastou para o crime seria de ordem sentimental, antes de tudo, e depois de natureza social. A primeira representada pela menina dos olhos verdes, e a segunda pela indiferença da professora e a maldade do vizinho”.

Diante disso, parece-nos que Ramos utiliza essa narrativa para expressar sua crítica social, com o propósito de chamar a atenção do leitor para estas importantes questões. O autor, através de seu conto, denuncia a exclusão e a violência sofridas por pessoas que não se inserem nos padrões impostos pela sociedade. Apresenta-nos uma relação entre o ser humano e o restante do mundo, isto é, uma reflexão sobre os caminhos aos quais a desigualdade social pode levar determinado indivíduo.

Para entendermos melhor esta relação entre o ser e o resto do mundo é preciso ressaltar que o protagonista foi, de algum modo, “rejeitado” pela sociedade e que seu principal vínculo era com outro ladrão mais experiente, o Gaúcho, que o iniciou na vida do crime e que representava uma autoridade paternal, ou seja, era uma referência para ele, visto que o rapaz era órfão e precisava suprir este espaço de autoridade paterna em sua vida.

De acordo com Moisés (2008, p. 135), “Gaúcho personifica precisamente aquilo que o ladrão novato desejava ser para indenizar-se dos malogros morais e afetivos sofridos na infância”, ou seja, o ladrão almejava ser como Gaúcho por conta dos episódios ocorridos em sua infância, e está nítido no conto que ele via Gaúcho como “um mestre”, pois se mostrava sempre preocupado com o fato de Gaúcho, ao ter conhecimento sobre suas ações, aprová-las ou não.

Segundo Gomide (2000, p. 03), a influência dos companheiros serve como modelo a ser seguido e imitado pelos delinquentes em potencial. Apesar de o protagonista não apresentar habilidades compatíveis com a atividade de um ladrão, ansiava pela aprovação de seu mentor. Percebemos isto em um trecho do conto “[...] O medo foi contrabalançado por um sentimento infantil de orgulho. Realizara uma proeza, sim senhor, só queria ouvir a opinião de Gaúcho [...]” (RAMOS, 1979, p. 42).

Ainda que um pouco atrapalhado, o protagonista teve algumas experiências bem-sucedidas que o levaram a invadir uma casa, na calada da noite, com a intenção de roubá-la. Este ato nos aponta o desejo de resgatar, por meios ilícitos, aquilo que a sociedade, através da exclusão social, retirou do ladrão. Como afirma Gomide (2000, p.

03), ao acreditar que não podem obter algo desejado por meios legítimos, alguns jovens podem optar por utilizar táticas antissociais para expressar seu descontentamento e adquirir o que desejam. Trata-se de um meio de afrontar a sociedade e provar que assim como a sociedade não respeitou seus direitos, o ladrão não tem porque respeitar suas regras. É, também, o que nos diz Machado (2014, p.55), ao afirmar que “Por não se sentir capaz de ser sujeito – não pode falar nem ser ouvido – ele invade o espaço do outro para se tornar visível”.

Dessa maneira, Ramos demonstra ao leitor como uma pessoa de classe social inferior pode sofrer rejeições da sociedade. O autor pretende mostrar como pessoas desfavorecidas economicamente sofrem, como são excluídas socialmente, e como tal prática de exclusão pode influenciar negativamente na vida de um indivíduo, levando-o à criminalidade.

Considerações Finais

Neste trabalho analisamos brevemente o conto de Graciliano Ramos, com o intuito de destacar marcas de uma literatura engajada e identificar a crítica social do autor na obra. Foi possível percebermos, no conto, denúncias sociais pautadas em um cotidiano de exclusão social, no qual a classe inferior é marginalizada, num período de tempo que se supõe corresponder ao da ditadura de Getúlio Vargas.

O conto nos remete às desigualdades e exclusões sociais, de modo a refletirmos acerca das consequências destas na vida do ser humano. Faz-nos recordar que todos temos necessidades a serem preenchidas dentro do espaço social, pessoal e emocional. Propicia-nos, ainda, um questionamento sobre as maneiras através das quais a sociedade lida com estas necessidades, denunciando a educação deficiente e a segurança opressora, levando-nos, enfim, a uma reflexão crítica acerca das injustiças sociais.

Referências

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano. *In: posfácio de Angustia*. Livraria Martins Editora: São Paulo/Rio de Janeiro: 1975.

CARVALHO, Antônio Moraes. *Graciliano: Ramos excluídos*. 2005. 328f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

DENIS, Benoît. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psicol. Reflex. Crit.* V. 13 n. 1, Porto Alegre, 2000.

MACHADO, Valéria Aparecida. Nas dobras do tempo: A narrativa de Graciliano Ramos. *Cadernos Cespuc*, Belo Horizonte, 2014.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 17ª ed., São Paulo: Cultrix, 2008.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. GRACILIANO RAMOS: O artista e o intelectual das “Memórias do Cárcere”. *Entreletras - Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura da UFT – nº 3 – 2011-2 ISSN 2179-3948*, Rio de Janeiro, 2011.

RAMOS, Graciliano. *Insônia*. São Paulo: Martins, 1979.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*, vl. 2, São Paulo: Martins, 1976.

THE SOCIAL REPRESENTATION IN THE TALE *UM LADRÃO*, BY GRACILIANO RAMOS

ABSTRACT

The social approach in literature plays an important role in the construction of the reflective capacity of the readers and it aims to awaken in the readers a critical view of the reality in which they are inserted. This article aims to emphasize some critical aspects in the writing of Graciliano Ramos, specifically in his short story called *Um Ladrão*, published in his book entitled *Insônia* (1947), in order of showing the importance of literature as a tool for social criticism – since the literature is not only an tool of entertainment, but it is something that can provide us an image of the reality in a stylistic way – and also to expose the reflective engaged literature of Graciliano Ramos, starting from the analysis of the mentioned short story, in which Ramos shows to the readers how a lower social class person can suffer rejection from society.

Keywords: Graciliano Ramos, Social Criticism, Social Influences, Engaged Literature.

Recebido em 08/10/2016.

Aprovado em 25/01/2017.